

# PENSATAS SOBRE EDUCAÇÃO, LITERATURA E IMAGINAÇÃO

## THOUGHTS ON EDUCATION, LITERATURE AND IMAGINATION

*Fabio Coronel Gagno Junior*<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho visa provocar reflexões quanto a relação entre educação, literatura e imaginação, bem como situar a experiência estética, literária e/ou imaginativa como via pedagógica para o principal objetivo da educação, qual seja, a formação integral do homem. Para tanto, na primeira parte, trabalha-se a partir da concepção de três autores, os quais tiveram a imaginação como objeto privilegiado de suas reflexões; na segunda parte, articula-se a experiência literária como exemplo da medida em que a imaginação pode ser operada em favor dos objetivos da educação, sobretudo o da humanização. Por fim, conclui-se que a imaginação e seus meios – literários ou outros – são indispensáveis para que uma educação autêntica se efetive.

**Palavras-chave:** Imaginação. Literatura. Educação. Humanização.

### ABSTRACT

This work aims to provoke reflections on the relationship between education, literature and imagination, as well as situate the aesthetic, literary and/or imaginative experience as a pedagogical path towards the main objective of education, that is, the integral formation of man. Therefore, in the first part, it works from the conception of three authors, who had the imagination as a privileged object of their reflections; in the second part, the literary experience is articulated as an example of the extent to which the imagination can be operated in favor of the objectives of education, especially that of humanization. Finally, it is concluded that imagination and its means – literary or otherwise – are indispensable for an authentic education to be effective.

**Keywords:** Imagination. Literature. Education. Humanization.

3     Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Pesquisador ligado à Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP). Professor e coordenador de curso na Faculdade Batista de Minas Gerais (FBMG). E-mail: fabio.coronel@fbmg.edu.br

## INTRODUÇÃO

O texto desenvolvido a seguir fundamenta-se na ideia de que uma educação eficaz, capaz de lidar com as demandas do século XXI, precisa contribuir para que as pessoas, dentre outras coisas, façam amigos e lidem melhor com as situações extremas da vida: fracasso, perda, morte e etc.

O pressuposto é que, por meio do estímulo à imaginação e exposição à experiência literária, pode-se enriquecer a vida interior de educandos, sem que para isso seja necessário o custo da prova factual ou da *tentativa e erro*, isto é, estima-se a virtualidade como plataforma na formação de sujeitos íntegros e melhor preparados como um todo, especialmente do ponto de vista socioemocional. Mais capazes justamente porque, uma vez participantes de um patrimônio universal – a literatura –, poderão dispor de repertório suficiente para interpretar melhor suas próprias vivências.

As reflexões propostas consideram o valor da intersubjetividade, consideram a importância das relações dialógicas para a construção de aprendizagens significativas. A opção pelo imaginário e pela literatura remete a uma perspectiva de educação horizontalizada, onde a troca de experiências e a pluralidade de leituras protagonizam os processos interpretativos. Espera-se que, assim, o espaço de ensinar e aprender se beneficie de todas as consequências pedagógicas presentes nos tratos que são potencialmente empáticos.

Por conseguinte, admite-se que cabe à educação formar estudantes de maneira interdimensional, tendo em vista a grandeza da humanidade, e que a linguagem literária tem meios eficazes para funcionar como campo do saber favorável ao caminho da humanização.

Segundo Morin (2007, p. 27): “a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana”. O fluxo de conhecimentos que atravessou as últimas décadas constituiu um ser humano com novas luzes sobre o universo, porém, sendo ainda tal qual um quebra-cabeça sem a última peça. O paradigma epistemológico disjuntivo não é capaz de conceber a humanidade de maneira abrangente, isso fica a cargo do repensar as relações de ensino e aprendizagem pela via da *complexidade*,<sup>4</sup> na qual a literatura presta imensa contribuição.

O que se quer em relação a formação do estudante é ampliar o repertório de valores, aprimorar a capacidade interpretativa, forjar novas habilidades de explicação da vida e do mundo, orientar formas mais saudáveis de pensar sobre a própria subjetividade e contribuir para o reconhecimento da diversidade de olhares que compõe a existência do humano. Por esses (e outros) objetivos que se apela à imaginação e à literatura.

4 Na acepção: do que é tecido junto.

## LEWIS, ALVES E ELIADE: CONVERGÊNCIAS SOBRE A IMAGINAÇÃO

Clive Staple Lewis (1898-1963), de Belfast, Irlanda, foi docente de literatura em Oxford e Cambridge. Qualificado escritor, sua obra transita por diversas temáticas, como crítica literária, educação, filosofia, teologia, e mantém de maneira destacada a estética e o rigor lógico nas argumentações. Rubem Alves (1933-2014), de Boa Esperança/MG, foi docente e reitor da UNICAMP, se interessou por assuntos como teologia, psicanálise, educação e poesia.

Qual a relação entre esses autores? Dependendo da ótica, a relação pode ser vista como próxima ou distante. No que é interesse deste artigo, evidencia-se como Lewis e Alves propõem visões semelhantes acerca da interface entre educação, literatura e imaginação, e como, para ambos, educar bem passa pelo despertar da sensibilidade do imaginário. A imaginação, além de ser a base da experiência literária, é também o que amplia o repertório de possibilidades da razão humana, pois permite circundar os limites da linguagem. A área da educação pode se valer muito dessas definições.

Greggersen é uma pesquisadora da área que, indiretamente, justifica a proposta deste trabalho, pois chegou a associar esses autores abertamente no que tange a aproximação entre educação e linguagem (teológica), comentando que o uso especial dos termos alvesianos *desejo* e *saudade* – que tem seus equivalentes em Lewis pelas noções de *alegria*, *nostalgia* e *anseio* – remete a um fazer pedagógico mediado pela estética da imaginação.<sup>5</sup>

Sobre os pressupostos básicos para uma educação segundo Alves, é de conhecimento comum que este promoveu forte crítica ao *cientificismo*,<sup>6</sup> e que, em contrapartida, reforçou a dimensão estética e *erótica*<sup>7</sup> da educação como resgate de um processo-modelo. Alves relata (2006, p. 77):

Meu sonho para a educação foi dito por Bachelard: ‘o universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o paraíso’. Paraíso é jardim, lugar de felicidade, prazeres e alegrias para os homens e mulheres. [...] Sugiro aos educadores que pensem menos tecnologias de ensino [...] e tratem de sonhar com seus alunos sonhos de um Paraíso.

Partindo dessa proposta, o professor deve ser aquele que orienta o educando a uma experiência plena de desfrute com a vida – simbolizada pela expressão “Paraíso”. Essas comparações não aparecem por acaso na abordagem pedagógica de Alves, para

5 Cfe. GREGGERSEN, Gabrielle. O que Chesterton, Lewis e Rubem Alves tinham em comum? *Ultimato*, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1MKhUQQ>. Acessado em: 27 ago 2023.

6 Cientificismo é o termo que denota a interpretação equivocada sobre o papel da ciência. Supõe que a ciência é o critério último para todo tipo de verdade e que, portanto, tem resposta para todas as questões humanas.

7 Erótica na acepção de pertencente ao “mundo dos desejos”.

ele a figura de retórica *analogia* é um dos mecanismos mais essenciais do pensamento, uma vez que permite o deslocamento do conhecido para o desconhecido: “É, em grande medida, graças às analogias que o conhecimento avança e o ensino acontece [...] Um bom professor precisa ser um mestre de analogias” (ALVES, 2006, p. 88).

Em desdobramento, Alves (1994) interpreta a arte literária como uma grande brincadeira com a linguagem. É no brinquedo, no jogo desinteressado, no deleite com a palavra que se tem a amostra do Paraíso. A palavra proporciona jogar com elementos ausentes. Palavras são brinquedos. Segundo o escritor, é brincando com as coisas que não existem que nós aprendemos a pensar. A ficção, inserida nessa conjuntura, fomenta um espaço para a construção do conhecimento, principalmente por dar forma ao que só é percebido na esfera dos sentimentos.

Aranha (1996, p. 121) faz observações a respeito disso, que merecem ser trazidas à discussão:

O homem não é apenas razão, é também afetividade. Por isso, nenhuma formação puramente intelectual dará conta da totalidade do humano. Daí a importância da arte como instrumento não só de produção e fruição estética [...] mas de humanização propriamente dita, ou seja [...] é instrumento de valorização integral do homem. [...] Diferente da ciência e senso comum, que apreendem o objeto pela razão, a arte é uma forma de conhecimento que organiza o mundo por meio do sentimento, da intuição e da imaginação. [...] Abrir-se para a imaginação, aceitar o desafio da intuição é educar-se para a criatividade, para a invenção, para o novo.

Inclusive, a privação da experiência imaginativa – bem como das artes em geral – pode ser um meio de impedir o pensamento subversivo, frustrar o contraste que a imaginação pode fazer aos abusos de poder, de toda ordem. É a fantasia que desprende os limites da razão, que proporciona o contato com outras realidades e ajuda a superar situações de aprendizagem que reduzem o educando ao aspecto meramente cognitivo.

A escola que se restringe ao cognitivo assume a perigosa postura de só se preocupar com a pessoa “do pescoço para cima” (BETTO, 1996, p. 20). Lewis também denunciou esse equívoco, quando falou sobre uma educação de “homens sem peito”. Nesses termos, a escola desconsidera muitos potenciais que não são propriamente do campo intelectual, mas lúdicos, estéticos e/ou espirituais, que não podem ser reduzidos ao plano das conceituações. Perante as situações extremas da vida a escola não pode, simplesmente, ficar em silêncio. Chega-se então à questão basilar deste trabalho: qual o lugar da imaginação e da literatura na educação?

A imaginação é uma ferramenta, por excelência, para transpor paradigmas. O hermetismo de um método, pedagógico ou não, demanda que novos conhecimentos

sejam acessados mediante saltos de criatividade. Alves ressalta que é assim que nascem os poemas, as religiões, as utopias, as teorias. As teorias surgem com os sonhos e as fantasias. Portanto, há que se dar importância às formas mais imaginativas de aprender, pois são elas que dirigem o educando ao conjunto das variadas possibilidades, pela capacidade criativa das palavras.

Por falar em religião, Eliade é um autor que, igualmente, trabalha com a questão do valor das imagens e símbolos – especificamente na esfera religiosa –, e oferece algumas contribuições. Uma das coisas que afirma é: “o símbolo, o mito, a imagem, pertencem à substância da vida espiritual [...], jamais poderemos extirpá-los. Eles resistiram a essa hibernação [promovida pelo cientificismo do século XIX] graças, sobretudo à literatura” (ELIADE, 2002, p. 7). Outra afirmação importante é a de que “as imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser” (ELIADE, 2002, p. 8, 9). O autor chega a secundarizar a dimensão histórica do sujeito em detrimento de sua dimensão espiritual, quando argumenta que (ELIADE, 2002, p. 9):

A parte a-histórica do ser humano [contida na imaginação religiosa] traz, tal qual uma medalha, a marca de uma lembrança mais rica, mais completa, quase beatificante [...] as imagens [...] projetam o ser humano historicamente condicionado em um mundo espiritual infinitamente mais rico que o mundo fechado de seu ‘momento histórico’.

Eliade também legitima a ideia de que, se o homem utiliza a imaginação para apreender o profundo das coisas, é porque isso se manifesta paradoxalmente e não poderia ser apreendido por conceitos. Nesse sentido, é compreensível que a imaginação seja vista como uma parte indispensável do homem, o que ainda permite concluir que imaginar é provar da camada mais profunda da vida, da alma, é perceber o mundo em sua totalidade, pois é a imaginação que tem a capacidade de representar tudo o que parece fechado ao conceito. Não há homem sem imaginação.

Assim, reconhece-se que a prática religiosa, uma das expressões mais centrais do que constitui o humano, reencontra as bases do sagrado também no plano do imaginário. A propósito da natureza da *fantasia* – maneira literária de dar forma ao imaginário –, por exemplo, Eliade (2011, p. 173-174) observa o seguinte:

O conto maravilhoso [...] ainda apresenta a estrutura de uma aventura infinitamente séria e responsável, pois se reduz, em suma, a um enredo iniciatório: nele reencontramos sempre as provas iniciatórias (lutas contra o monstro, obstáculos aparentemente insuperáveis, enigmas a serem solucionados, tarefas impossíveis, etc.), a descida ao Inferno ou a ascensão

ao Céu (ou – o que vem a dar no mesmo – a morte e a ressurreição) e o casamento com a Princesa. [...] Seu conteúdo propriamente dito refere-se a uma realidade terrivelmente séria: a iniciação, ou seja, a passagem, através de uma morte e ressurreição simbólicas, da ignorância e da imaturidade para a idade espiritual do adulto.

Para ele os contos trazem seriamente as estruturas do comportamento religioso e as características do *sagrado*, a despeito de seu modo lúdico. A linguagem humana pode até encontrar outras roupagens para essas experiências, contudo, os moldes dessa imaginação profunda permanecem latentes.

Termina-se a participação de Eliade concluindo que a *boa fantasia* pode exercer o poder do mito, somando-se à vida e enriquecendo o significado das coisas que se perderam no cotidiano. Na fantasia se mantém a estrutura mítica e os deuses, que, a despeito de camuflados, continuam a cumprir sua função, não deixando de orientar o comportamento das pessoas. Não obstante a sociedade atual entender que superou o pensamento mítico, é no plano do imaginário que ele é recuperado. A fantasia tem o poder de ensinar acerca da experiência humana a partir de dentro, sem com isso ferir o privilégio da individualidade.

## LITERATURA: CAMINHO PARA A HUMANIZAÇÃO

O senso comum costuma separar método e conteúdo. Evidentemente, não são a mesma coisa, embora possuam uma relação muito estreita, separável apenas por esforços didáticos.<sup>8</sup> Sendo a linguagem literária essencialmente simbólica, e entendendo que meio e mensagem no símbolo possuem uma relação intrínseca, ao que parece – e exatamente por esses fatores –, a abordagem literária permanece imbuída de relevância pedagógica na interpretação do homem.

Lembra-se do que Lewis apontou: às vezes os contos dizem melhor o que se tem a dizer, do mesmo jeito que algumas ideias musicais se encaixam melhor em determinados tipos de composição. O objetivo educativo do literato ao fundir meio e mensagem é o de despertar o desejo e a imaginação do homem, perturbá-lo e excitá-lo ao expor-lhe o mistério insolúvel da vida.

Duas conclusões podem ser tomadas por meio do que Lewis (2004) pensou a respeito da experiência literária, articuladas aqui como uma contribuição importante ao propósito de fazer da linguagem literária um método pedagógico: (a) a literatura enriquece a reserva

8 Um pensador que aprofundou a relação entre o meio e a mensagem foi o filósofo canadense Marshall McLuhan. Na visão dele o meio determina a produção de sentido da mensagem. Mais detalhes na obra: Cf. MCLUHAN, Marshall. **The Medium is the Message: An Inventory of Effects**, Harmondsworth: Penguin, 1967.

de significados sobre a realidade; e (b) a literatura dribla os empecilhos psicológicos que se inserem no processo de aquisição do conhecimento.

Detendo-se à primeira noção *lewisiana*: convém lembrar que a literatura é capaz de atuar em todos os âmbitos da educação do aluno, em suas três áreas vitais, quais sejam, atividade, inteligência e afetividade. A imaginação acionada fará com que o interlocutor fundamente suas escolhas usando a razão, o sentido moral e a sensibilidade. Ele terá que escolher, optar e ceder, isso contribuirá na instauração de um espírito crítico – desde que evitada a leitura estereotipada (GÓES, 1991). A interação proveitosa com a literatura amplia os horizontes, especialmente por permitir, pela imersão, a vivência com o ponto de vista alheio.

A literatura oferece a multiplicidade de olhares que, sem dúvida, favorece uma maior aproximação com a realidade e sua complexidade. Ela permite ultrapassar a estreiteza da individualidade, sem abrir mão de suas prerrogativas. Por isso, Perissé (2004, p. 51-52) afirma que conhecer e aprender vai além do acúmulo de informações, antes, mira instituir uma relação mais fecunda com a realidade, dialógica e livre. O escritor entende que:

[...] Somos livres quando recriamos a música da vida [...] crescendo em plenitude como interpretes da existência [...] Somos livres na medida em que exercemos a liberdade criativa, este entrar em contato íntimo com o externo, o distante, o alheio, experimentando (e revelando) o seu sentido que, ao mesmo tempo, nos humaniza e plenifica.

[...]

O ser humano é um “ser de encuentro” [ser de encontro], a sua vida, uma “trama de encuentros” [trama de encontros] [...] Esse mútuo influir-se, um complementar-se [...].

Todo esse processo de conhecimento calha no que Quintás chamou de “experiências reversíveis”; mão dupla onde *sujeito cognoscível* e *objeto cognoscente* estão confundidos.<sup>9</sup>

A experiência com a arte parece ser o principal exemplo da relação de interação entre essas instâncias. Interpretar uma obra de arte é também ser interpretado por ela, ser de algum modo afetado. O conhecimento artístico, onde se inserem imaginação e literatura, propicia uma percepção radical do ser humano e da realidade. Perissé (2004, p. 77) afirma:

Quando nos entregamos ao poder configurador de um texto literário (lendo-o ou escrevendo-o), sentimo-nos dominados e, ao mesmo

9 Conforme a Filosofia: sujeito cognoscível diz respeito àquele que pode conhecer, e objeto cognoscente, àquilo que pode ser conhecido.

tempo, livres; sentimo-nos atingidos pungentemente pela grandeza, pela beleza, pela inteligência, pela sutileza e, ao mesmo tempo, preenchidos, valorizados, porque algo que há de melhor em nós vem à tona e nos faz transbordar de alegria, gozo e entusiasmo.

A arte – e especificamente o texto literário – exerce um precioso poder formativo. Engrandece as qualidades do humano em todos os sentidos. Isso ocorre porque a linguagem criativa expressa e comunica. Ela investe o ser humano de realidade, o contrapesa, o materializa, o prospera, do ponto de vista pessoal. Quando no caso do uso de saídas mais imaginativas, oportuniza um contato ainda mais intenso de *ser-no-mundo*, cintilando novos significados para a vida.

No âmbito pedagógico, Perissé (2004, p. 166) problematiza a relação entre linguagem e educação alertando que muitos dos equívocos na educação se devem ao fato de os educadores não operarem a linguagem em sua plasticidade. Perde-se assim a possibilidade de reconhecer

A linguagem não-cotidiana da literatura como caminho para a compreensão do cotidiano em seus estratos mais essenciais e menos acessíveis ao prosaísmo, aos lugares-comuns às ideias massificadas e massificantes, à opinião superficial, à mediocridade consentida, à aceitação acrítica de tudo como se tudo e nada fossem igualmente irrelevantes. Na linguagem literária, mergulhamos em âmbitos de realidade capazes de trazer à luz diferentes aspectos da nossa realidade pessoal.

O ensino que almeja conduzir a formação integral da pessoa, contribuir para a dimensão transcendente nas relações, buscar princípios e sentidos para a vida social, e examinar a existência, definitivamente, não pode desconsiderar a força da experiência literária, cuja qual acrescenta de modo significativo ao repertório de interação com esses fatores mencionados. Se o interesse da educação é humanizar, é certo que a literatura tem meios para agir.

Em *A abolição do homem*, Lewis inquietou-se com o paradigma educacional de sua época – que, inclusive, apresenta muitas similaridades com o paradigma atual – sinalizando algo da sua percepção enquanto docente: que os alunos, sobretudo, precisam ser libertos da banalidade, muito antes de serem protegidos do excesso de sensibilidade. Nas palavras do autor: “O dever do educador moderno não é o de derrubar florestas, mas o de irrigar desertos” (LEWIS, 2005, p. 12). A educação nos moldes modernos é propagandista e adestra, enquanto na Antiguidade o objetivo era o de iniciar e propagar humanidade.



Na linha dessa visão pedagógica, a escola, ambiente primaz da educação, deveria ser local de alegria, divertimento e imaginação, de humanização, no sentido mais absoluto. Por que não o é? Greggersen acrescenta (2005, p. 47):

Ao invés de submeter-se a uma ditadura racionalista, cientificista e naturalista, a escola deveria fazer as crianças refletirem sobre as coisas que transcendem o aqui e agora [...], pois é a busca dessas coisas precisamente que as torna mais humanas.

O que compõe o ser humano vai além da capacidade de raciocinar, é definido pela competência de fazer emocionar e agir eticamente, coisas que não são dadas pela prova com o que é simplesmente material.

Lewis chega a fazer menção a uma teoria pedagógica (ou do conhecimento) específica. A referência é à filosofia dialogal de Buber. Ele destaca (2005, p. 75):

A ciência regenerada que tenho em mente [...] quando explicasse algo, não aboliria esse algo. Quando tratasse das partes, não esqueceria do todo. Ao estudar uma coisa do mundo do isso, ela não perderia de vista aquilo que Martin Buber chamou de situação do mundo do *tu*.

A citação implica pensar que educar é expor pessoas ao modo de relação e diálogo inerente ao verdadeiro conhecimento dos fatos. Buber traz alternativa ao tipo de ciência que interage com os objetos pela via do utilitário (Eu-Iso), propondo o caminho da reciprocidade (Eu-Tu). Realmente, são duas maneiras diversas de conviver com o mundo e com o processo de aquisição do conhecimento.<sup>10</sup>

É nesse contexto que a literatura se coloca como intercessora da legítima educação, e os professores, responsáveis por, mediante abordagem crítica da realidade, criar intercâmbios mútuos entre arte, imaginação e vida, empregando o elemento da experiência literária como um intermediário apropriado. A educação mediada pela literatura se impõe sob a finalidade de expandir a visão do educando, fazendo isso de maneira bem mais chamativa, atraindo o engajamento discente.

10 A filosofia de Buber está marcada pela ideia de que o conhecimento e a existência só se realizam por completo no diálogo. Faz distinção entre apenas se colocar diante das coisas, e confrontá-las a partir da reciprocidade. O assunto está aprofundado na obra: BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 8 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

A imersão na imaginação e na literatura provoca um aprendizado marcado pela experiência de se colocar no lugar do outro: “aprender [por meio da literatura] é ‘experimental’ jeitos de olhar o mundo e ver quão bem funcionam” (MCGRATH, 2014, p. 145).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida dos estudantes não é tão desprovida de angústia quanto se supõe. Há reiterados medos, confusões, interdições e frustrações. Realidades interiores muitas vezes são sublimadas da pior maneira. A posição emocional juvenil é radical, e tem dificuldade para desvincular sujeito e objeto de desejo. Entretanto, se se parte da noção de complexidade, não é coerente conceber tais aspectos como algo fora da educação.

E por que a literatura como resposta? Porque ela potencializa a imaginação, porque ela é humanizadora. Influi e quer influir em todas as dimensões da educação do estudante, nas suas áreas fundamentais. Até onde a educação deve qualificar o comportamento e a convivência, a literatura tem meios de atuar.

A real ciência se dá no reconhecimento do que é tecido junto, na inseparabilidade dos saberes, na indissociabilidade entre educação e vida. Educar para o futuro é contribuir para que as pessoas reconheçam sua fragmentação e protagonizem seu próprio *re-membramento*, voltem a se ver como unidade complexa, como integrantes de uma dinâmica maior.

A criatividade é catártica. Coloca para fora aquilo que atormenta o cérebro. Organiza e verbaliza a confusão mental, revela conteúdos inconscientes.<sup>11</sup> Se por um lado a imaginação tem o poder de burlar o controle psicossocial, e assim amenizar a repulsa que uma ideia pode sofrer, por outro, tem também o poder de alargar perspectivas, ao possibilitar o contato com uma diversidade de pontos de vista; de conduzir para o *além de si*, fazer transcender.

É consenso entre os especialistas que não se nasce humano, torna-se humano. Um dos mais eficientes recursos que as sociedades têm utilizado para humanizar é a arte. O caráter epifânico da arte se revela na busca pela significação e completude. No caso da literatura, há um modo específico de enriquecer o homem, diferentemente da vida pessoal, da ciência, da filosofia, encontra-se na vivência acentuada, na apreciação das qualidades e particularidades das vidas humanas.

Por fim, entende-se que a força da imaginação e da literatura se realiza no mérito de mostrar realidades objetivas e subjetivas, de sorte que os interlocutores interajam com comprometimento e desfrute. Imaginar é usar um meio elevado de entendimento, a fim de estabelecer comunicação entre duas instâncias de relacionamento: homem-homem e homem-humanidade.

11 Cf. ESCRITORES CRIATIVOS E DEVANEIOS. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. IX.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3 ed. São Paulo: ARS poética, 1994.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Loyola, 2000.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BETTO, Frei. **Cotidiano & mistério**. São Paulo: Olho d' Água, 1996.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 8 ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELIADE, Mircea. Os Mitos e os Contos de Fadas. In: ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FREUD, S. ESCRITORES CRIATIVOS E DEVANEIOS. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. IX.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- GREGGERSEN, Gabrielle. **A magia das Crônicas de Nárnia**: o Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa: uma abordagem para pais e educadores. Rio de Janeiro: GW Editora, 2005.
- GREGGERSEN, Gabrielle. *O que Chesterton, Lewis e Rubem Alves tinham em comum?* **Ultimato**, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1MKhUQQ>. Acessado em: 27 ago 2023.
- LEWIS, C. S. **A abolição do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LEWIS, C. S. A veces los cuentos de hadas dicen mejor lo que hay que decir. In: HOOPER, Walter (Ed.). **De este y otros mundos: ensayos sobre literatura fantástica**. Barcelona: Alba editorial, 2004.
- LEWIS, C. S. Tres formas de escribir para niños. In: HOOPER, Walter (Ed.). **De este y otros mundos: ensayos sobre literatura fantástica**. Barcelona: Alba editorial, 2004.
- LEWIS, C. S. **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: Unesp, 2009.
- MCCGRATH, Alister. **Conversando com C. S. Lewis**. São Paulo: Planeta, 2014.
- MCLUHAN, Marshall. **The medium is the message**: an inventory of effects, Harmondsworth: Penguin, 1967.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PERISSÉ, Gabriel. **Filosofia, ética e literatura**: uma proposta pedagógica. Barueri: Manole, 2004.
- STRECK, Danilo. **Correntes pedagógicas**: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2005.